



Entrevista

REFLEXÕES DE UM MILITANTE NO JORNALISMO BRASILEIRO

Marcelo Engel Bronosky¹

Gaúcho, da cidade de Roda Alta, Sérgio Luiz Gadini, ou apenas Professor Gadini, é docente associado do curso de jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná, desde 1996. Graduado pela mesma escola do saudoso Adelmo Genro Filho – Universidade Federal de Santa Maria (UFMS) - também possui Mestrado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e doutorado pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Gadini tem se dedicado ao ensino, a pesquisa e a extensão na área do jornalismo desde o início de sua carreira. Sua trajetória de dedicação a área do jornalismo é ampla, com destaque para a presidência do Fórum Nacional dos Professores em Jornalismo (FNPJ), consultor e avaliador da Capes/Inep para área, além de ter participado ativamente na criação do segundo curso de mestrado acadêmico em jornalismo no Brasil, junto à Universidade Estadual de Ponta Grossa.

¹ Professor dos Cursos de Graduação e do Mestrado, ambos em Jornalismo, da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: mebrono@yahoo.com.br

Além desse caminho dedicado ao ensino e a pesquisa, Gadini se destaca nas atividades extensionistas voltadas à formação de jornalistas. Esse eixo, onde nunca deixou de atuar, sempre estimulando a criação e o desenvolvimento de projetos de extensão, entre elas a Agência de Jornalismo, hoje um programa de extensão da UEPG, que congrega várias iniciativas junto à comunidade ponta-grossense, estimulando a participação de estudantes e aproximando à realidade da cidade à formação acadêmica.

Sobre cultura, um dos temas caros ao Professor Gadini, objeto de sucessivas pesquisas, cabe ressaltar a publicação do livro *Interesses cruzados – a produção da cultura no Jornalismo Brasileiro*, de 2009, referência para a área.

Nestes mais de 20 anos dedicados ao ensino do Jornalismo, professor Sérgio Luiz Gadini tem ocupado lugar de destaque na luta pela qualidade na formação de jornalistas, motivo pelo qual a revista ALTERJOR publica esta entrevista, que recupera parte de suas contribuições para o campo do jornalismo no Brasil.

REVISTA ALTERJOR: Considerando a sua trajetória como professor de jornalismo e militante em vários movimentos sociais, como percebe essa relação entre o ensino do jornalismo e o ativismo?

13

SÉRGIO LUIZ GADINI: A luta pela qualidade do ensino em Jornalismo é, ao mesmo tempo, a luta pela democratização da mídia e, portanto, nas atuais condições em que o Brasil vive - entre golpes e desrespeitos aos direitos e conquistas sociais, desde o pós-ditadura militar - é fundamental desenvolver projetos pedagógicos em sintonia com a realidade social. Pela experiência e envolvimento profissional, para além da convicção política e humana (embora, sem 'provas' documentais oficializadas), posso assegurar que a democratização da mídia se tornou um dos pilares das lutas sociais em defesa da democracia. Sem essa mudança, no horizonte, se torna mais difícil falar e defender saúde pública, escola universal de qualidade, transporte coletivo pautado pelas necessidades da maioria da população, dentre outras lutas que marcam a vida cotidiana de mais de 80% dos contribuintes deste País. Relacionar, de forma orgânica - um pouco próximo da perspectiva vivenciada pelo italiano Antonio Gramsci, no início do século XX - democracia, ensino de jornalismo e pluralidade da informação pode traduzir o que alguns colegas nomeiam como 'ativismo'.

REVISTA ALTERJOR: Como a crise nos modelos tradicionais de mídia no mundo tem afetado a formação superior em jornalismo?

SÉRGIO LUIZ GADINI: O modelo hegemônico da mídia brasileira está calcado no uso e acesso fácil (por pressão ou negociata) ao dinheiro público, muitas vezes ignorando que as urgências coletivas são bem maiores que as vontades privadas de gestores empresariais da comunicação. Sem dúvida, na maioria dos países do mundo (da Europa aos estados capitalistas, aparentemente, mais 'civilizados', se é que seria possível assim nomear), o modelo pautado pela notícia como mercadoria associada ao anúncio publicitário e assinante pago enfrenta uma crise, apenas superado por alguns poucos grupos através da ampliação de assinantes digitais (caso dos EUA) ou pela inclusão de novos assinantes ou leitores, até há pouco excluídos do acesso (como parece ser o caso indiano). No Brasil, o problema é maior, muito provavelmente pela dependência e alinhamento político (ou eleitoral) que boa parte dos grupos editoriais apostaram para manter margens de lucro ou não suspender edições (seja em áudio, imagem, impresso ou web). O problema é que, ainda, boa parte dos cursos de Jornalismo parece não ter assumido o desafio de que os profissionais, com raras exceções, já não têm espaço nos mercados de emprego convencional. Onde ou como reinventar espaço ou trabalho? Enquanto não se identificar que o problema da democratização da mídia é o horizonte possível para atravessar a ponte, a luz no fim do túnel parece mais distante... Existe, contudo, demanda social. Como associar e sintonizar com tais demandas, em boa medida, continua uma incógnita! Esta é uma tarefa urgente do ensino (graduação e pós), pesquisa e extensão em Jornalismo.

14

REVISTA ALTERJOR: Os cursos de jornalismo estão passando por várias mudanças, tanto em função das Novas Diretrizes para a área, quanto pelo impacto das novas tecnológicas. Como observa esse processo e como os cursos de jornalismo podem melhor aproveitar este cenário?

SÉRGIO LUIZ GADINI: O cenário de mudanças em curso - seja pela celeridade informacional como pela reconfiguração de suportes e emergência de interações com usuários - precisa pautar as atualizações curriculares dos cursos de Jornalismo. As

diretrizes vigentes (DNC em J, desde 2014) desafiam os colegas docentes e estudantes a pensar teorias, métodos, modelos e técnicas de produção em Jornalismo. Obviamente, uma formação humanista, cidadã e em sintonia com os problemas sociais (locais, regionais ou globais) são referências que devem ser mantidas nas produções laboratoriais cotidianas. Como pensar ou ensinar Jornalismo dissociado do compromisso com uma informação plural e capaz de dialogar e dar voz aos grupos sociais historicamente excluídos?

REVISTA ALTERJOR: Seu trabalho é reconhecido pelas lutas em torno da formação dos jornalistas, desde a manutenção dos cursos de graduação até a criação dos cursos de Pós-Graduação, com destaque para o Mestrado em Jornalismo da UEPG. Porém, a qualidade de muitos cursos é sempre criticada por profissionais e acadêmicos. O que é necessário para que esses cursos sejam considerados essenciais à formação em jornalismo?

SÉRGIO LUIZ GADINI: A forma mais simples e imediata de manter e fortalecer um projeto de ensino (curso, pedagógico e institucional) é garantir condições de trabalho e remuneração aos profissionais. No ensino de Jornalismo, seja na graduação ou pós, não é diferente. No entanto, existe uma variável aí que diz respeito ao papel social do profissional do jornalismo, que precisa ser assumido com desdobramentos mais efetivos pelos cursos: temos uma corresponsabilidade, ainda que não direta, pela crise de legitimidade da produção jornalística brasileira, na medida em que, por vezes, nos limitamos em criticar os modelos hegemônicos, que optam por assumir a função de propaganda política em defesa de interesses de grupos privados. Se a constatação, cada vez mais consensual, é que a universidade não pode mais formar apenas ao mercado convencional empresarial - uma vez que o modelo não se sustenta e demite mais que contrata profissionais, enquanto as escolas seguem formando - os cursos e, pois, os professores da área precisam redefinir para o que, onde e o que vão fazer os novos jornalistas graduados. A universidade não pode se limitar a ofertar graduados à sociedade. O papel social do jornalismo, para defender a democracia, por exemplo, precisa ser revisto ou, na prática, assumido pelos profissionais do ensino.

REVISTA ALTERJOR: **O seu livro *Interesses Cruzados – A produção da cultura no jornalismo brasileiro* (Editora Paulus, 2009), resultado do seu doutoramento, é uma das referências para se pensar o jornalismo cultural no Brasil. O que mudou na cobertura jornalística na imprensa brasileira sobre cultura nestes últimos quase oito anos?**

SÉRGIO LUIZ GADINI: Sim, mudou muita coisa e isso em poucos anos. O marco regulatório em cultura, por exemplo - com o sistema nacional, plano e proposta de criação de um fundo do município à união - revela o fortalecimento do campo cultural, em geral, associado ao crescente processo de implicação do acesso à informação digital, ainda que nem sempre sob impulso de políticas públicas. E isso, vale ponderar, nem sempre a cobertura jornalística cultural consegue expressar, por variadas razões. Há uma espécie de silêncio do rádio e da TV aberta, em especial, quando se pensa em produtos culturais. A web conseguiu, parcialmente, cobrir a redução dos diários impressos em coberturas editoriais em cultura. Mas ainda existe um grande 'vazio' ou 'esquecimento' forçado das manifestações culturais cotidianas, que ainda não entram nas grades ou páginas editoriais. Daí porque boa parte do que se fala, discute ou agenda do campo cultural no Brasil já não passa pela cobertura da mídia comercial hegemônica, mas sim por blogueiros, redes sociais ou grupos autônomos, que em geral se expressam apenas por motivações espontâneas ou não impulsionadas pela espera do lucro mercantil da 'velha' mídia. Hoje, em 2016, se precisar atualizar o estudo, inevitavelmente, a complexidade do campo cultural, ainda que mais fragmentado, é claramente mais visível e plural.

16

REVISTA ALTERJOR: **Por fim, a produção acadêmica está acelerada, mas o fluxo ainda é pequeno, com prejuízo considerável aos estudantes de Graduação e Pós-Graduação. Em termos de divulgação científica em jornalismo, de que forma as entidades acadêmicas e científicas e os próprios jornais poderiam contribuir para ampliar o acesso a esse conteúdo?**

SÉRGIO LUIZ GADINI: Não apenas em Jornalismo, mas em outros setores de formação e conhecimento, o uso das tecnologias digitais ainda é modesto, se considerar o potencial para viabilizar investigações, parcerias e estudos, para além de análises de

casos pontuais, com reais condições de aplicabilidade nas diversas áreas de atuação, cada vez mais transversais, que envolvem a produção jornalística. Conhecer e trabalhar com a crescente segmentação do público, gerar impactos com interações permanentes e ofertar produtos com interesse público são alguns dos desafios da pesquisa, extensão e ensino (na graduação e Pós-graduação) em Jornalismo. E os cerca de 3.200 cursos em funcionamento no País têm condições e a urgente tarefa de assumir esses compromissos, inclusive como estratégia de fortalecimento e alternativas de atuação aos novos profissionais formados a cada semestre ou não nas universidades.

Referência

GADINI, Sérgio Luiz. **Interesses Cruzados:** A produção da cultura no jornalismo brasileiro. São Paulo: Editora Paulus, 2009.